



A Liga: dinamicidade e inovação nas abordagens jornalísticas televisivas¹

Carlos PINHEIRO²

Elias BRUNO³

Georgia CRUZ⁴

Jéssica COLAÇO⁵

Juscelino RAMOS⁶

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

A produção audiovisual jornalística e a adoção de métodos que endossem o gênero em termos qualitativos são os temas que este artigo se propõe a discutir. Para levantar a questão, foi escolhido o método do estudo de caso do programa de TV A Liga, veiculado no Brasil nas noites de terças-feiras pela Rede Bandeirantes de Televisão. Na análise, serão levantados os conceito e formato que se assemelham à natureza do programa, como o jornalismo Gonzo e, a partir daí, uma descrição a partir dos detalhes técnicos e editoriais que abrangem tanto a vertente jornalística quanto os critérios de qualidade e inovação apontados por estudiosos. Como recorte, foi escolhido o episódio exibido na segunda temporada do programa que tratou a realidade dos deficientes físicos.

PALAVRAS-CHAVE: *A Liga*; televisão; telejornalismo; jornalismo Gonzo

1. Considerações iniciais

Em meio às abordagens jornalísticas defasadas e repetitivas na televisão, alguns programas trazem mudanças substanciais no formato e na linguagem, acarretando, desse

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Jr. – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Acadêmico do 8º semestre de Comunicação Social - com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará, UFC. E-mail: carlitos@caldeirao.org

³ Acadêmico do 6º semestre de Comunicação Social - com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará, UFC. E-mail: eliasbruno@gmail.com

⁴ Orientadora do artigo e Doutoranda em Comunicação, pela Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. E-mail: georgia.cruz.pereira@gmail.com

⁵ Acadêmica do 6º semestre de Comunicação Social - com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará, UFC. E-mail: jesicacolaco@gmail.com

⁶ Acadêmico do 6º semestre de Comunicação Social - com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará, UFC. E-mail: jussufc@gmail.com



modo, um rompimento com os modelos em voga. Além da adoção de novas características, a ruptura com os padrões batidos também se dá pelo resgate de tendências. Tal situação faz com que o público tenha a oportunidade de perceber abordagens antes não imagináveis por conta da persistência dos veículos em se prenderem a determinadas tendências do gênero.

As transformações sofridas pelas tendências podem tanto refletir os avanços tecnológicos, como também servir de resposta ao surgimento de outros modelos dentro do próprio gênero. No caso do telejornalismo, é notável a apropriação de um formato mais dinâmico com a intensificação da veiculação de notícias na internet. Para Becker (2009), os novos formatos de notícias que incorporam a linguagem audiovisual e os recursos multimídia demandam um aprofundamento da reflexão crítica sobre a aplicação do conceito de gênero.

No entanto, as mudanças trazidas por determinada proposta editorial devem adequar-se às características que conferem ao gênero jornalístico os recursos expressivos acumulados com o decorrer da prática. Sobre essa questão, Machado (1999), esclarece que “por estarem inseridas na dinâmica de uma cultura, as tendências que preferencialmente se manifestam num gênero não se conservam *ad infinitum*, mas estão em contínua transformação no mesmo instante em que buscam garantir uma certa estabilização”. É por conta da ideia de transformação do telejornalismo a partir da retomada de tendências e da apropriação de características do gênero que o programa “A Liga” foi escolhido para discutir e expor as consequências desses processos.

2. A Liga

A Liga é uma adaptação do programa argentino *La Liga*, da produtora *Eyeworks-Cuatro Cabezas*, sucesso em países como Espanha, Argentina e Chile. Também conhecido como *4K*, a produtora foi fundada por Diego Guebel e Mario Pergollini, em 1993. Quando um dos membros vendeu toda a sua parte para uma empresa holandesa, a *Eyeworks*, a produtora passou a carregar o nome que possui hoje.

Eleito como melhor programa jornalístico da televisão brasileira, em 2010, pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), A Liga se propõe a mostrar ao telespectador a “realidade de uma forma nunca vista na televisão brasileira”.

O primeiro programa foi ao ar em 4 de maio de 2010, transmitido pela Rede Bandeirantes de Televisão (Band)⁷, e teve como tema os moradores de rua. O programa

⁷ Emissora de televisão brasileira pertencente ao Grupo Bandeirantes de Comunicação, este fundado por João Jorge Saad. Entrou no ar no dia 13 de maio de 1967. Em 2012, possui 12 emissoras próprias em



objetivava contar de uma maneira, às vezes triste, outrora com uma pitada de humor, a história vivida por quatro ângulos diferentes. Na primeira edição, os quatro apresentadores mergulhariam no fato, sentindo na pele o problema, para levar ao público um olhar diferenciado da reportagem.

3. Linha Editorial e Formato

O programa A Liga aborda assuntos jornalísticos e os explora de maneira realista a fim de aproximar o telespectador de cada tema explorado. Para atingir esse objetivo, são usados humor, agilidade e emoção dos apresentadores que vivenciam as ações de perto. Para os produtores de A Liga, a medida é feita para livrar a abordagem de clichês midiáticos e preconceituosos⁸. Os temas tratados em cada programa são vivenciados por pelo menos um dos apresentadores para conferir um caráter de dinamismo e realismo.

Os assuntos escolhidos em cada edição estão relacionados a problemáticas sociais como os moradores de rua, consumo de drogas, violência entre jovens, sistema de transportes, entre outros. Temas delicados como a prostituição, portadores de deficiência e saúde mental também são frequentes enfoques do programa. Outra aposta de A Liga é na abordagem de assuntos mais leves, que despertam um olhar curioso, como o mercado que gira em torno da morte, as torcidas organizadas e as tribos urbanas. Além da vivência pelos próprios apresentadores, tais temas são explorados com a exposição aprofundada na vida de personagens, que algumas vezes é acompanhada por comentários de especialistas no assunto. As questões e a forma com que são enfocadas pelo programa em estudo reforçam a afirmativa de Becker (2008) sobre a qualidade dos relatos jornalísticos audiovisuais, que “pressupõe diversidade de temas e de atores sociais, pluralidade de interpretações, inovações estéticas e contextualização dos acontecimentos”.

Ainda de acordo com os apontamentos de Becker (2009), um dos aspectos que distingue uma cobertura jornalística de qualidade é a abordagem ou o ângulo original e inesperado da notícia. No episódio de A Liga sobre deficientes⁹, por exemplo, o assunto é ramificado em quatro abordagens, cada uma explorando personagens e vivências distintas, mas com o mesmo objetivo: mostrar a superação e as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência ao tentar viver normalmente na sociedade. Nos outros

estados diferentes, além de 16 afiliadas em todo o Brasil.

⁸ BRUNO, Elias. Entrevista com os produtores do A Liga. 2011.

⁹ Exibido no dia 26 de abril de 2011 às 22h30 pela Rede Bandeirantes de Televisão.



programas, as abordagens seguem a mesma linha, mostrando diferentes abordagens de um mesmo fato para expor a realidade ao receptor da mensagem.

Na elaboração do programa, a objetividade jornalística é procurada a partir da aproximação crítica do repórter com o objeto, conferindo autenticidade à abordagem. Para os produtores de A Liga, o programa “é sumamente sério, responsável e respeitoso, de um jeito autêntico, mais humano (feito por humanos e assistido por humanos)” – declaração que justifica a preocupação em mostrar a realidade de maneira dinâmica e sem os entraves da mídia tradicional, que toma distância para retratar os fatos e as informações apuradas pelo profissional.

Como característica de seu formato, é válido destacar que o programa não apresenta um âncora, como num telejornal, que anuncia a escalada com o que será abordado durante o programa. Na segunda temporada (veiculada durante o ano de 2011), o programa tinha quatro apresentadores que faziam uma apresentação inicial, com estatísticas, números, dados, fontes, para expor o tema ao telespectador. As reportagens acontecem sem uma ordem prévia. Os trechos editados vão se intercalando em cinco blocos e dando forma ao programa, apresentando dinamismo às histórias contadas.

No entanto, ainda que haja uma preocupação no enfoque de assuntos jornalísticos, A Liga é incluída na grade de programação de entretenimento da Band¹⁰. Com isso, a proposta de inovação do programa acaba se contradizendo com a própria distinção de gêneros conferida pela própria emissora no qual é veiculado. A constatação retrata uma situação na qual mesmo tentando renovar, esse tipo de programa ainda se mantém fiel a antigas tendências, que apartam do rótulo de jornalístico tudo que fuja dos moldes tradicionais.

4. Jornalismo Gonzo

O Jornalismo Gonzo, tendência que nasceu com Hunter S. Thompson e pode ser considerada uma vertente do New Journalism¹¹ ao diferenciar-se dos outros estilos com

¹⁰Constatação feita com base na divisão editorial dos programas no site da própria emissora. Disponível em: <<http://www.band.com.br/>>

¹¹ O New Journalism é um gênero jornalístico surgido na imprensa dos Estados Unidos, na década de 60, que tem como principais expoentes Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote. Talese define dessa forma o New Journalism: "O novo Jornalismo, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico, como a mais exata das reportagens, buscando embora uma verdade mais ampla que a possível através da mera compilação de fatos comprováveis, o uso de citações, a adesão ao rígido estilo mais antigo. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem e consente que o escritor se intrometa na narrativa se o desejar, conforme acontece com frequência, ou que assuma o papel de observador imparcial, como fazem outros, eu



novas técnicas de apuração, escolha dos temas, abordagem dos assuntos e de apresentação. É um movimento que carece de regras e surgiu como uma forma de transpor os padrões e as normas conhecidas no século XX. Uma das definições de Thompson para esse tipo de reportagem é baseada na ideia do escritor William Faulkner, segundo o qual a melhor ficção é infinitamente mais verdadeira que qualquer tipo de jornalismo.

O conceito não implicaria em criar um embate entre ficção e jornalismo, mas sim consolidar as duas formas de narrativa como caminhos para uma mesma finalidade: passar uma informação. O objeto informado, seja de qual forma for escrita, precisa que o narrador confira verossimilhança ao relato. Tal atitude está diretamente relacionada ao mecanismo de apuração dos fatos. Para Thompson, o jornalista deveria viver a ação e reportá-la enquanto e – como estivesse – desenrolando. Da mesma forma, se um romancista for inserido na realidade em que descreve no seu livro, é provável que ofereça um retrato bastante acurado da realidade:

Um repórter que passe seis meses morando em uma favela para escrever uma reportagem sobre o tráfico de drogas e a sua relação com a comunidade estará exposto ao mesmo nível de informações que um escritor em situação semelhante estaria. (...) É possível ser verossímil sem ter um compromisso estrito com a verdade, desde que o autor esteja devidamente inserido naquilo sobre o que está escrevendo. (CZARNOBAL, 2003)

O estilo das narrativas de Thompson conferiu algumas características essenciais ao Jornalismo Gonzo: a captação participativa, em que o jornalista não se contenta em procurar depoimentos e personagens de uma determinada situação, mas precisa vivenciar esse estado, tornando-se objeto de sua reportagem e, assim, interferindo – ainda que involuntariamente – no destino da história; limiar entre ficção e realidade, o que confere a alternativa de utilizar ou não personagens que nunca existiram para conferir o grau de dramaticidade do relato, atentando para que a diferença entre ficção e realidade nunca seja explicitada.

Outras características do jornalista gonzo a partir do legado de Hunter S. Thompson são: o uso de narrador em primeira pessoa, imprimindo legitimidade com um caráter de confissão; abordagem de assuntos relacionados ao sexo, violência, drogas, esporte e política, temas que apareceram nas obras de Thompson pelo envolvimento do autor com eles e por serem obsessões da sociedade americana na época; tendência de se distanciar do assunto principal (principalmente quando o assunto abordado for o



comportamento das pessoas); uso de sarcasmo e/ou vulgaridade como forma de humor e descrição extrema das situações.

No Gonzo, o foco é dado mais à experiência do jornalista do que ao fato em si e, por isso, alguns detalhes da apuração, que passariam despercebidos no jornalismo convencional, ganham um destaque maior no trabalho feito pelo gonzo jornalista, que escreve a história como um personagem. Sendo feito da perspectiva do autor e de acordo com suas expectativas, o Gonzo obteve um título de estilo anárquico e libertino, uma vez que regras não podem ser estabelecidas a ele:

Gonzo é a verdade através dos olhos do autor, que escreveu a história como um personagem. De fato, a busca do autor pela verdade torna-se a história. É altamente subjetivo, onde opiniões ilusórias têm valor; é agressivo e as pessoas retratadas frequentemente são esquartejadas no papel. (CZARNOBAL apud FERNANDES, 2001)

5. Análise do episódio de “A Liga” sobre deficientes

5.1. Características do Jornalismo Gonzo em “A Liga”

A principal semelhança entre “A Liga” e o jornalismo Gonzo é a apuração da realidade de um determinado assunto de perto, onde o jornalista toca a realidade participando de um mundo do qual nunca fez parte. Essa aproximação se dá tanto acompanhando a rotina de um personagem, quanto se transformando no próprio e, a partir disso, ocorre uma troca de experiências com quem passa e/ou não pela mesma situação.

Na edição que abordou a rotina das pessoas que possuem algum tipo de deficiência, é possível identificar alguns elementos que conferem um enquadramento no estilo “jornalismo gonzo”. O programa tentou mostrar a realidade dos cerca de 25 milhões de brasileiros portadores de deficiência, enfocando no preconceito vivido por elas e o desconhecimento da população que vê a deficiência como um impedimento. As abordagens para aprofundar o assunto se deram em sete situações: “a vida numa cadeira de rodas”; “24 horas sem enxergar”; “os para-atletas”; “superação sem limites”; “a história de amor”; “o futebol dos cegos”; e “o surfista cego”.

Os apresentadores vivenciaram uma realidade pela qual nunca passaram para expor os obstáculos que os deficientes enfrentam e rompem na sociedade. O apresentador Rafinha Bastos foi colocado em uma cadeira de rodas, acompanhado de um cadeirante, para mostrar os desafios de viver normalmente estando nessa situação. Bastos também foi a uma festa noturna acompanhado de uma portadora de síndrome de



down para mostrar como uma pessoa com essa condição se relaciona nesse ambiente e também nas suas relações amorosas.

A jornalista Débora Villalba foi vendada durante 24 horas e saiu pelas ruas de São Paulo como uma deficiente visual, acompanhada por um já portador da deficiência; ela também acompanhou a prática do surf por um deficiente visual. Thaíde, outro apresentador, praticou alguns esportes na condição de um pára-atleta. Sophia Reis mostrou o exemplo de um artista plástico que nasceu com uma deficiência congênita e perdeu a mobilidade dos braços, usando apenas a boca para pintar seus quadros, situação que também foi vivenciada pela apresentadora.

Em todos os casos, vê-se o total envolvimento dos apresentadores com o tema, o que oferece uma retratação fiel e bem acurada da realidade. Rafinha Bastos é o integrante do programa que mais se utiliza do sarcasmo e/ou vulgaridade como forma de humor, o que pode ser exemplificado quando senta pela 1ª vez na cadeira de rodas e comenta que “sua bunda seria um pouco grande para o assento”, lançando um olhar irônico para a câmera.

Débora Villalba, que passa 24 horas na condição de uma deficiente visual, exemplifica a descrição extrema da situação, ao narrar em primeira pessoa a experiência de caminhar nas ruas sem enxergar nada ao seu redor. O mesmo aspecto é exposto quando Thaíde pratica o “futebol dos cegos” e comenta de forma bem pessoal a situação a que é submetido. São comentários dos apresentadores: “*Sentir alguém me ajudando me dá uma segurança enorme*”, e “*Só estou ouvindo a bola passar por mim*”.

Outro ponto que pode ser ressaltado na vivência dos apresentadores é a exposição da situação a que estão submetidos, impressionando-se, por exemplo, com os buracos nas calçadas que dificultam a passagem de um deficiente visual; ou os calos criados na mão de uma pessoa que conduz sua própria cadeira de rodas. Tais fatores mostram a interferência dos repórteres no destino da história que, ao ser retratada do ponto de vista de quem vive a ação, oferece ao telespectador uma visão mais humana dos fatos.

Rafinha Bastos, quando submetido a uma saída noturna com um grupo de portadores da síndrome de down, também interfere no destino da história quando pede que os casais façam uma declaração de amor, o que expõe a mensagem de igualdade social proposta pelo programa. Nos depoimentos finais dos próprios apresentadores, é notável a interferência direta deles sobre o objetivo do programa. Débora Villalba diz, ao retirar as vendas, “Eu sou uma privilegiada porque todos os dias eu posso acordar, abrir os olhos e enxergar a luz do dia”. Essa declaração pode ser tida como problemática



pelo risco de ser interpretada como uma forma de sentir-se aliviada por não possuir a deficiência, ao invés de trazer um mensagem de solidariedade para com os personagens abordados no programa e até mesmo destoando de uma possível lição de moral aos telespectadores não-deficientes.

Objetividade e subjetividade se confundem nesse episódio de “A Liga”. Depoimentos dos próprios apresentadores sobre a vivência da realidade de deficientes físicos se revezavam com narrações em *off* de Rafinha Bastos, com dados estatísticos e reflexões acerca das experiências retratadas. Com base na análise do programa a partir das características do estilo de narrativa “Jornalismo Gonzo”, pode-se ver uma adaptação moderna desse movimento baseado em vários pontos de vista que se confundem entre a condição dos personagens que retratam o tema explorado e a dos jornalistas que, ao vivenciarem a situação desses personagens, fazem com que o telespectador se veja no mesmo contexto e compartilhe das emoções do fato retratado.

5.2. Linguagem e apresentadores

Nesta segunda temporada de A Liga, dentro da qual está inserido o episódio que é foco deste estudo, o quadro de apresentadores reúne quatro nomes, são eles: o jornalista e comediante de stand-up Rafinha Bastos; a jornalista Débora Villalba; o ator e músico Thaíde; e a atriz Sophia Reis. Apesar de dois dos apresentadores não possuírem certificado acadêmico que comprove formação em Jornalismo, percebe-se que há uma nítida preocupação em seguir alguns paradigmas da atividade, como possibilitar uma linguagem clara, esclarecer o tema e prezar pela verdade.

Os apresentadores possuem um estilo bastante dinâmico e descontraído, o que confere mais leveza ao programa, conseguindo uma maior aproximação com o público. Essa descontração pode ser notada pela gesticulação e movimentação do corpo dos apresentadores, que ocorre de maneira bastante natural, enquanto nos tradicionais programas telejornalísticos, os repórteres devem medir os gestos para não chamar muita atenção. Além disso, em certos momentos, os apresentadores soltam risadas naturais e fazem brincadeiras com os entrevistados.

Não é utilizado microfone tradicional durante o programa. É adotado o microfone de lapela, um aparelho discreto que é encaixado na roupa do apresentador. Esse recurso torna mais fácil e natural a abordagem dos entrevistados, além de conferir maior naturalidade ao programa, de modo que as entrevistas perdem sua carga formal e se assemelham a uma conversa, aproximando-se da linguagem do público.



O linguista Dino Pretti, citado por Roldão (2003) afirma que o texto escrito para televisão apresenta variações de redação de acordo com o estilo do programa que vai ser produzido, “ora se revela elaborado, segundo as convenções mais rígidas da gramática, aproximando-se da língua escrita, ora demonstra claramente sua intenção de aproximar-se da língua falada” (Pretti, 1992).

Essa variação de normas de linguagem a partir do gênero pode ser percebida no programa A Liga se forem observados o bloco de abertura do programa, os textos de *off* e os demais blocos. O primeiro bloco, de apresentação do episódio da semana, traz uma linguagem mais próxima dos termos formais. Os apresentadores gravam suas falas iniciais em estúdio e se utilizam de dados estatísticos, que ajudam a conferir credibilidade ao programa e atestam a relevância do tema abordado naquela semana. No caso específico do episódio “Deficientes”, a gravação em estúdio, normalmente utilizada na apresentação do programa, é substituída pela apresentação do personagem que cada apresentador vai acompanhar durante o programa.

Os textos lidos pelos apresentadores em *off* durante os demais blocos do programa retomam o estilo adotado no bloco inicial. Esse aspecto corresponde à afirmação de Roldão (2003) de que no telejornalismo é possível notar a diferença entre aquilo que o repórter escreve para ler e aquilo que o entrevistado fala naturalmente

Nos demais blocos é possível perceber uma mudança na linguagem adotada pelos apresentadores e também na postura dos mesmos. A fala, que inicialmente poderia ser comparada a uma narração clara, agora passa a ser mais solta e com fortes marcas orais e gírias, como “mano” e “pega leve”. Há, portanto, uma grande aproximação entre a linguagem utilizada pelos apresentadores e a fala dos entrevistados.

Outro ponto que merece destaque nos elementos de linguagem do programa é a inserção sutil do humor, especialmente por parte do apresentador Rafinha Bastos, que também é humorista. O elemento cômico é introduzido através das perguntas feitas aos entrevistados e comentários sobre algumas situações, mas sem colocar o entrevistado em situação desconfortável ou constrangedora.

A mudança de postura diz respeito principalmente ao posicionamento dos apresentadores em relação à câmera. Isso evidencia uma preocupação maior em ouvir o relato dos entrevistados e dialogar com mesmos, e não apenas reproduzir fatos e dados com o olhar direcionado para a câmera, como ocorre normalmente nos programas jornalísticos.

Um aspecto que merece atenção em A Liga diz respeito ao modo como informações ou fatos relevantes são postos em destaque durante o programa. O



espectador entende que aquela informação merece destaque devido à reação do apresentador àquele fato. Um exemplo que ilustra esse aspecto é a reação do apresentador Rafinha Bastos diante dos obstáculos que existem nas calçadas de São Paulo, impedindo a circulação dos cadeirantes; a reação de surpresa de Rafinha e os comentários feitos por ele atentam o público para a questão do desrespeito com os cadeirantes e pessoas com outros tipos de deficiência. Essa sensibilização não ocorre de forma sensacionalista, como é comum em outros programas de televisão.

5.3 Recursos Técnicos

A busca pela dinamicidade é uma das características marcantes de A Liga e, para alcançar este objetivo, são utilizados vários tipos de recursos estilísticos de câmera, edição, sonoplastia e de arte. Alguns destes recursos já são utilizados, de uma forma ou de outra, em outros produtos jornalísticos. O que se observa, então, é uma apropriação, de certa forma inovadora, dessas ferramentas no processo de produção do programa. Nos pontos seguintes, alguns destes recursos serão analisados.

5.3.1. Recursos de filmagem

Cada filmagem de A Liga é feita por uma série de câmeras que trabalham de forma paralela, enquadrando por diferentes ângulos e captando as imagens de diferentes distâncias. Apesar disso, observam-se alguns elementos padrões que caracterizam o estilo de filmagem do programa. O mais marcante deles é o fato de haver pouquíssima utilização de câmeras estáticas. O efeito “câmera na mão” proporcionada pelo uso de câmeras não-fixas acaba passando ao expectador a sensação de urgência e realismo pretendida pelo programa.

Muitas vezes percebemos que o cinegrafista busca manter certa distância dos personagens filmados, fato que pode ser entendido como uma tentativa de buscar certa naturalidade por parte destes, induzindo-os a agir como se não estivessem sendo filmados. Em contrapartida, há um constante uso do *zoom*, geralmente utilizado em combinação com tomadas mais distantes para trazer a sensação de dinamicidade, e também para ressaltar algum elemento significativo dentro do plano. Esse recurso foi largamente utilizado para mostrar os obstáculos e impedimentos encontrados pelos deficientes físicos no espaço urbano.



Outro aspecto marcante dentro do estilo de filmagem do programa é a utilização de ângulos de enquadramento não convencionais. Algumas vezes banalizado em outros episódios do programa, esse recurso acaba sendo aplicado de forma eficaz no episódio estudado. Ao mostrar a rotina doméstica de um cadeirante, a câmera situada em *contra plongé* (de baixo para cima) nos dá uma dimensão da própria perspectiva da pessoa que utiliza cadeira de rodas.

5.3.2 Edição e montagem

Em A Liga, a forma como o programa é montado e editado representa um dos fatores mais determinantes para o produto final. O programa é estruturado basicamente por algumas matérias que abordam diferentes aspectos, com diferentes personagens, sobre um tema em comum. É a partir do recorte e da intercalação dessas matérias que o programa é constituído.

Essa colagem de trechos das matérias não é feita de forma aleatória. Muitas vezes o assunto abordado no final de um desses trechos é o mote para o assunto seguinte. Como no momento em que uma das apresentadoras toca na questão do preconceito com um entrevistado e, no trecho seguinte, esse assunto é novamente abordado. Quando não há possibilidade de utilizar desse recurso de montagem, as passagens em *off* são utilizadas.

Os cortes estão presentes de forma a garantir um ritmo mais acelerado. Nas entrevistas observamos que quase não há pausas entre as falas e os cortes são, muitas vezes, bruscos, recurso este também utilizado em outros momentos no programa. Em um primeiro momento poder-se-ia dizer que isso prejudica o entendimento das passagens, mas o que se percebe é que esse tipo de edição não atrapalha o entendimento destes momentos.

5.3.3. Sonoplastia

O uso de trilhas é algo presente de forma contida dentro do programa, estando limitado basicamente às passagens em *Off* e nas passagens feitas com os apresentadores em estúdio. Entretanto, no programa analisado podemos perceber uma subversão a essa regra, que acabou se tornando um dos momentos mais destoantes dentro do programa.

Quando Rafinha Bastos conversa com a mulher de um deficiente sobre um momento difícil da vida deles é colocada uma música de fundo com a intenção de



provocar um sentimento de comoção no expectador. É um dos momentos que vemos como esse tipo de recurso acaba sendo usado de forma forçada, destoando da proposta do programa, que é trazer a realidade de uma forma mais direta. Também são usados em certos momentos alguns efeitos sonoros discretos, para realçar algum pronunciamento ou ação.

5.3.4. Arte e infografia

O programa apresenta uma identidade visual sóbria, moderna e atual, dialogando com alguns elementos presentes no ambiente da rede mundial de computadores. Essa identidade visual está presente ao longo de todos os episódios e, por conta da sua natureza versátil, acaba dando conta de um dos seus objetivos principais: servir de base para os infográficos, bastante presentes ao longo de cada episódio.

Tais infográficos geralmente surgem nas passagens em *off*, mas também aparecem durante as matérias de campo, para ilustrar algum dado presente na fala dos entrevistados. A utilização de infográficos durante as entrevistas serve também para deixar mais claro os depoimentos colhidos, uma vez que as principais informações vêm desses relatos e eles não possuem a linguagem clara e simples do jornalismo. Com base no levantamento feito por Cirne (2010) a partir de estudos sobre a infografia aplicada no jornalismo, podemos ver em *A Liga* dois tipos predominantes desse recurso: o narrativo, que intenta explicar ao telespectador uma experiência geralmente relatada e descrita a partir de um ponto de vista; e o instrutivo, usado para esclarecer algum fato a partir do acompanhamento sequencial da informação.

O letreiramento também acaba inserido no quadro de infografia por trazer, na maioria das vezes, a descrição geográfica do local de gravação mensurada em uma animação de um mapa usada como legenda. O aspecto confere papel significativo no detalhado processo a que é submetida a edição do programa, ajudando o telespectador a situar de forma clara aspectos que passam despercebidos nas narrativas jornalísticas audiovisuais. A utilização recorrente de infográficos em *A Liga* acaba por trazer uma maior agilidade no processo comunicativo ao facilitar os mecanismos de recepção da mensagem. A prática resulta também em outros benefícios ao público como aponta Cirne (2010), ao elucidar que a comunicação instantânea e eficiente amplia a compreensão dos espectadores e proporciona um “aprendizado democrático”, visto que o entendimento é acessível a todos de igual maneira.



6. Considerações finais

Em A Liga, podemos identificar aspectos que, além de conferir inovação à programação televisiva jornalística atual, trazem um dinamismo necessário para a compreensão e o levantamento de temas relevantes para a sociedade. O envolvimento dos apresentadores com o objeto reportado confere um caráter lúdico e de identificação à recepção do público.

As definições das práticas jornalísticas de qualidade na televisão e na web, entretanto, ainda não estão claras e a sistematização de parâmetros mais precisos é questão relevante nas reflexões críticas sobre a função do jornalismo na atualidade, especialmente como forma de conhecimento. São referências importantes para indicar como uma produção televisiva de qualidade pode quebrar determinadas regras discursivas e temáticas, transformando e mesclando gêneros, inserindo diferentes pontos de vista na construção da narrativa. Permite investigar ainda o modo como a TV intervém, através da sua mediação em diferentes dimensões da agenda política da nação, e como um produto cultural criado no interior de uma indústria de comunicação pode ser esteticamente inovador e apresentar abordagens interessantes sobre assuntos do cotidiano, a ponto de gerar novos modos de perceber o Brasil e o mundo, atribuindo outros sentidos à realidade social cotidiana. (BECKER, 2009)

Com relação ao recorte escolhido, é válido problematizar os perfis de deficientes abordados no programa, nos quais fica clara a priorização a partir da viabilidade técnica da execução das reportagens, deixando de fora outros tipos de deficiências. Outro ponto a ser questionado é a contradição de um episódio do programa cuja bandeira é a igualdade social de pessoas com deficiência não oferecer nenhum recurso técnico de acessibilidade aos telespectadores, tais como a audiodescrição, o *closed caption* ou outros tipos de legendas.

Por fim, combinados os padrões conferidos pelo perfil mais informal, mas não menos informativo, o aspecto inovador que A Liga traz serve também para mostrar as empresas nacionais de comunicação que é possível adotar formatos televisivos criados em outros países que tenham algo a acrescentar em qualidade de produção e recepção.



7. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Janaína; SCORALICK, Talita. **O jornalismo Gonzo do programa de televisão A Liga**. Artigo acadêmico. Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2010. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/51646796/O-Jornalismo-gonzo-no-programa-de-televisao-A-Liga> > Acesso em 9 de maio de 2011.

BECKER, Beatriz. **Diversidade e Pluralidade: Desafios da Produção de um telejornalismo de qualidade**. In: Borges, Gabriela; REIA-BAPTISTA, (orgs). Discursos e Práticas de Qualidade na Televisão. Lisboa: Novos Horizontes, 2008. _____ . **Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Santa Catarina, Ano VI, N. 2, p.95-111, julho/dezembro de 2009.

BRUNO, Elias. **Entrevista com os produtores de A Liga**. Mensagem recebida por < ueliasbruno@gmail.com > em 10 de maio de 2011.

CIRNE, Livia. **Novas imagens tecnológicas: a infografia no jornalismo**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Ano III, N. 2, julho/dezembro, 2010.

CZARNOBAI, A. **Gonzo – O filho bastardo do new journalism**. Qualquer, Porto Alegre, 2001. Disponível em: < <http://www.qualquer.org/gonzo/monogonzo/monogonzo01.html> >. Acesso em 9 de maio de 2011.

FERNANDES, Eduardo. **Para que serve o gonzo?** Fraude, 2001, Disponível em: < <http://www.fraude.org> > Acesso em 9 de maio de 2011.

MACHADO, Arlindo. **Pode-se falar em gêneros?** Revista Famecos, Porto Alegre, N. 10, junho, 2009.



PRETTI, Dino. “A linguagem da TV: o impasse entre o falado e o escrito”. In: NOVAES, Adauto (org.), **Rede Imaginária: Televisão e Democracia**. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Mun. De Cultura, 1992, p. 232-9.

ROLDÃO, Ivete. **A linguagem oral no telejornalismo brasileiro**. Resgate, Campinas, Nº 12, p.115-122, 2003.

Site **A Liga**. Disponível em < <http://www.band.com.br/aliga/> > Acesso em 9 de maio de 2011.

Site **Eyeworks – Cuatro Cabezas**. Disponível em <<http://www.cuatrocabezas.com/>> Acesso em 9 de maio de 2010.

Site **TV Bandeirantes**. Disponível em: < <http://www.band.com.br/tv/> > Acesso em 4 de maio de 2012.

THAYLANNE. **"A Liga" do jornalismo**. Disponível em: <<http://www.gingarara.com.br/blog/publicidade/%E2%80%9Ca-liga%E2%80%9D-do-jornalismo/>>. Acesso em: 09 maio 2011.